

A PRÁTICA DO USO DOS “MAIZINHOS” ENQUANTO FACILITADORA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA

Isabel Cristina da Silva Carneiro; Carla Daniele da Silva Carneiro.

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) – isa_bel.ic@hotmail.com, Instituto Educacional Santo Agostino – carla_daniele.s@hotmail.com)

Resumo: Cada professor possui uma prática própria, muitas vezes ancorada em uma teoria ou em um relato de experiência de um colega, que tenha aderido a um determinado “fazer docente” que surtiu efeitos significativos. Partindo dessa premissa, este artigo intitulado “A prática dos ‘maizinhos’ enquanto facilitadora do processo de ensino-aprendizagem de língua materna” tem por objetivo apresentar aos docentes uma prática de ensino de língua portuguesa que tem tido resultados abrangentes e em um espaço de tempo relativamente curto nas turmas em que foi aplicada, baseada na interação, compartilhamento de conhecimentos de maneira coletiva e autocorreção, para tanto foram usados conceitos da didática no tocante a teorias de ensino-aprendizagem para nortear a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Prática, professor, ensino-aprendizagem, maizinhos.

Introdução

Não é novidade que o ensino tem passado por grandes dificuldades, sendo elas as mais diversificadas: infraestrutura das escolas públicas, ausência de materiais didáticos, alunos e professores desmotivados. A situação torna-se mais gritante quando se trata do ensino de língua materna, visto que uma enorme parcela do alunado não gosta de ler e acredita que língua portuguesa é difícil. Daí o docente pode se perguntar: o que fazer para haver uma melhoria no ensino de língua materna no meio dessa turbulência toda?

A resposta para essa indagação não é simples, é preciso haver uma reflexão para se chegar a ela, mas uma coisa é certa: da maneira que está não dá para ficar. É necessário a criação de estratégias para se chegar a um resultado promissor e chamar a atenção de um público tão vidrado na rapidez dessa época tecnológica, não sendo tão fácil lidar com essa geração Z (JORDÃO, 2016).

Os alunos que se tem atualmente nas salas de aula são diferentes daqueles que se tinha nas décadas de 60, 70 e 80, período em que se costumava seguir a teoria de aprendizagem comportamentalista, em que a ênfase recaía no professor e o aluno era visto enquanto passivo, dependente do conhecimento que apenas o docente

poderia lhe dar. Então, se o público mudou o ensino também precisa passar por modificações. Alguns ainda podem argumentar que a dificuldade no que tange a língua portuguesa, mais precisamente gramática, sempre existiu, no entanto, é importante frisar que mesmo continuando existindo a forma de tentar amenizar tais dificuldades não podem ser as mesmas usadas naquele período, sendo necessário haver uma adequação.

Partindo do exposto acima, surgiu o seguinte questionamento: há alguma maneira efetiva de (tentar) melhorar o ensino de língua materna vigente? Com o intuito de responder a essa pergunta, este artigo terá como objetivo geral propor uma estratégia facilitadora para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa. Para tanto, apresentamos dois objetivos específicos: (1) lançar um olhar sobre o processo de ensino de português enquanto enfatizador da cognição e (2) explicitar como o uso dos “maizinhos” pode melhorar a aprendizagem do alunado.

Este trabalho se justifica por ser uma alternativa a um problema que perturba professores de língua portuguesa e também dos pedagogos que lecionam o fundamental I, que é a dificuldade em levar o discente a participar em sala de aula: ler, debater, questionar, ou seja, que sejam sujeitos em sala de aula e não apenas seres passivos.

Metodologia

A pesquisa aqui desenvolvida é exploratória e de natureza qualitativa, visto que o foco é o processo e não o resultado, de acordo com Neves (1996, p.01), a pesquisa qualitativa não busca enumerar ou medir eventos e foi desenvolvida a partir de uma pesquisa bibliográfica e do uso do método indutivo.

Língua portuguesa: a grande “vilã”?

Grande parte da aversão que o alunado sente com relação a língua portuguesa tem a ver com a experiência que se tem das aulas. Em muitos casos, o discente é visto como um ser que não possui nenhum conhecimento a ser compartilhado, sendo assim não um sujeito mas alguém passivo, as experiências pessoais não são levadas em consideração e ele são silenciados para que de fato “a aula” aconteça. E que aula é essa?

Os professores, em sua maioria, têm dado prioridade as aulas de cunho gramatical, expondo conceitos e regras que devem ser decorados e usados, pois é o português “correto”. Dessa maneira, a aula se afasta tanto da realidade da turma que ela não tem interesse em aprender aquilo que é ensinado, a aula torna-se enfadonha e, devido à falta de atenção gerada, o conteúdo não é apreendido.

Segundo a Teoria Construtivista de Bruner (1966), o aprendizado é um processo ativo em que são relacionados tanto os conhecimentos prévios quanto os conteúdos a serem estudados, dessa feita, os aprendizes filtram a informação nova, repassada pelo docente, inferem hipóteses para só então tomar decisões. O aluno passa a ser um participante ativo no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, é preciso vê-lo com outros olhos, saber que há muito conhecimento a ser repassado entre discentes e docentes.

As aulas precisam seguir um novo viés, um novo modelo, em que se preze mais a participação da turma e transforma a disciplina de língua portuguesa em “mocinha” e não em “vilã”. Para que isso ocorra é preciso haver uma mudança na postura do professor, logo que como é o responsável pela disciplina precisa buscar estratégias que facilitem a aprendizagem e estimule sua turma. Isso não acontece do dia para a noite, é preciso estudo e empenho, ou seja, é mais trabalhoso para o profissional no entanto fundamental para o processo de aprendizagem dos alunos.

Outro fator importante é mostrar aos alunos a utilidade de cada conteúdo abordado no dia a dia, nas situações de interação, logo que os indivíduos, segundo C. Rogers em defesa de sua teoria sobre o Aprendizado Experimental, vão aprender com mais facilidade o que realmente é necessário, ou seja, como usar determinado assunto visto poderá ajudá-lo a desenvolver melhor, a curto e/ou longo prazo, suas atividades.

A aprendizagem é um processo

Aprender, em língua portuguesa, é muito mais do que decodificar um texto ou responder a perguntas de uma atividade. É realizar uma leitura repleta de significados, instigar o aluno a pensar, refletir, questionar. Então, não se pode ver tal ato como um resultado, em que o docente irá expor o conteúdo e o discente prontamente irá aprendê-lo sem nenhum tipo de dificuldade. Aprender é um processo, muitas vezes lento e diferente de indivíduo para indivíduo, no entanto muito gratificante quando acontece de maneira satisfatória.

É preciso planejamento, traçar objetivos e pensar nas peculiaridades de cada turma. O hábito de apenas chegar em sala de aula com um livro embaixo do braço, folheá-lo e procurar algum conteúdo sem antes ter feito uma certa programação acerca daquela aula não tem surtido efeito, pois não tem um propósito predeterminado.

Ensinar também tem a ver com motivar os mais diversos discentes, principalmente quando se está tratando do ensino público, visto que

muitos vão à escola para a família não perder determinados programas governamentais e, até mesmo, para poder ter direito a merenda, logo que em alguns casos não têm como fazer as refeições em casa. Diante de um cenário tão difícil a atuação do professor torna-se mais complexa e não menos importante.

Ensinar conteúdos é de fato necessário para o desenvolvimento da turma, no entanto o “como ensinar” passa a ser um fator fundamental no processo por ser a peça chave, responsável pelo sucesso ou insucesso do planejamento. É um trabalho conjunto entre Fundamental I, II e Médio, uma vez que as práticas docentes das séries iniciais são de suma importância exatamente por já irem lapidando o desenvolvimento cognitivo das crianças, preparando-as para as séries seguintes.

Ao pedagogo convém alfabetizar e letrar seus alunos, aguça-los desde pequenos a agirem no mundo através de atividades escritas e orais que os levem a refletir, argumentar, colocarem-se enquanto sujeitos. Dar voz aos pequenos é o primeiro passo para a formação da criticidade, silenciá-los pode gerar timidez, retraimento. Até a forma de corrigir um aluno que errou precisa ser diferenciada do método tradicional, em que o erro é exposto perante a turma e o correto é dito de maneira grosseira e intimidadora. Isso provoca danos terríveis às crianças: medo de falar em público, não-participação nas aulas, falta de interesse nas atividades desenvolvidas, pois aparentam ser difíceis demais.

Não se está aqui dizendo que não precisa haver correção durante as aulas na educação básica. Ela deve ocorrer, mas de maneira menos agressiva, em que se exponha menos o discente para evitar traumas futuros. Uma conversa em particular é uma alternativa para repreensão e que evita exposição perante a turma inteira de um problema particular de determinado indivíduo. Caso haja alguma inadequação de leitura ou escrita isso pode ser resolvido com a própria docente fazendo uso, em outros momentos, da forma adequada para que isso passe a ficar internalizado, de maneira suave, na turma.

Cada escola possui uma realidade, além de adequar-se a ela o pedagogo ainda precisa dar conta de outras matérias além da língua portuguesa, o que é um desafio que todo dia precisa ser transposto. O professor de fundamental II e médio tem a facilidade de lecionar apenas uma disciplina mas a dificuldade de possuir várias turmas. Outro problema encontrado por esse profissional é o estado em que recebe os alunos vindos do fundamental I, muitas vezes com grandes dificuldades de leitura, escrita e interpretação, daí vem a necessidade de haver uma

parceria entre esses três níveis para que um seja colaborador do outro e o ensino aconteça de forma mais eficaz.

A prática dos “maizinhos”

O ensino precisa ter caráter científico e sistemático, compreensível e deve assegurar a relação conhecimento-prática, esses são princípios aprendidos nas aulas de prática pedagógica e que muitas vezes acaba-se deixando de lado. O aluno é o ser prioritário do processo de ensino-aprendizagem, em quem se deve pensar o tempo todo afim de buscar alternativas que lhe facilitem aprender. Pensando nisso, este tópico tem por objetivo apresentar uma proposta de ensino que tem surtido muito efeito nas turmas em que foi aplicada (com a disciplina de língua portuguesa) e que pode ser adaptada para as outras disciplinas também.

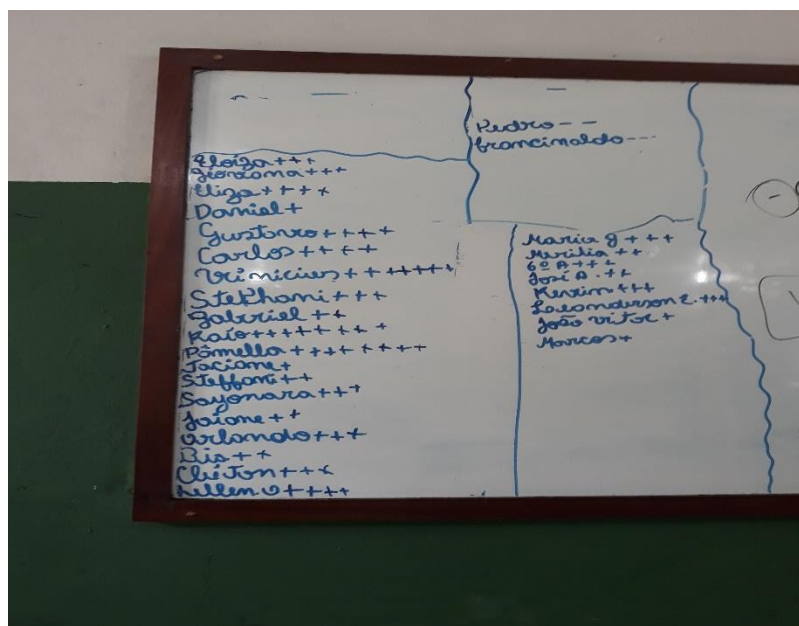
A prática dos “maizinhos” surgiu como um meio de levar a turma a participar de maneira mais ativa nas aulas e acabou por surpreender por seu caráter facilitador do processo de ensino. Será feita uma breve caracterização de seu uso: o docente explica à turma que aquele que participar da aula através de leituras (de textos, de enunciados, de respostas) terá seu nome colocado em um cantinho do quadro e que cada vez que houver essa participação ele terá um “mais” ao lado. Isso vale também para a participação em debates, peças, comentários ou exemplos que ilustrem as aulas e curiosidades sobre o conteúdo. Esses “maizinhos”, nas turmas em que foi aplicada tal prática, tinham a bonificação de 4,0 pontos em cada nota da disciplina. Por exemplo, caso o professor fizesse em um mesmo bimestre uma prova, um seminário e olhasse os cadernos cada um desses critérios de avaliação equivalia a 6.0 pontos e a nota seria complementada com os “mais” adquiridos ao longo do bimestre. Só obtendo a pontuação de 4,0 pontos os alunos que conseguissem a maior quantidade de participação. É um processo bastante semelhante a uma gincana, com a diferença de ser a longo prazo.

Esse é um método de elaboração conjunta, visto que há uma interação ativa entre discentes e professor com o intuito de aprimorar as competências e habilidades daqueles sem desconsiderar seus conhecimentos. Partindo do exposto no parágrafo anterior, poderia surgir o seguinte questionamento: e os alunos tímidos ou que não gostam de participar ficam com nota baixa? A resposta é não. Logo que é impossível ninguém obter “maizinhos”, pois em determinados momentos alguns questionamentos são lançados a turma e muitos respondem ao mesmo tempo, nesse caso, o “mais” vai para todos que estavam na turma naquele dia de aula.

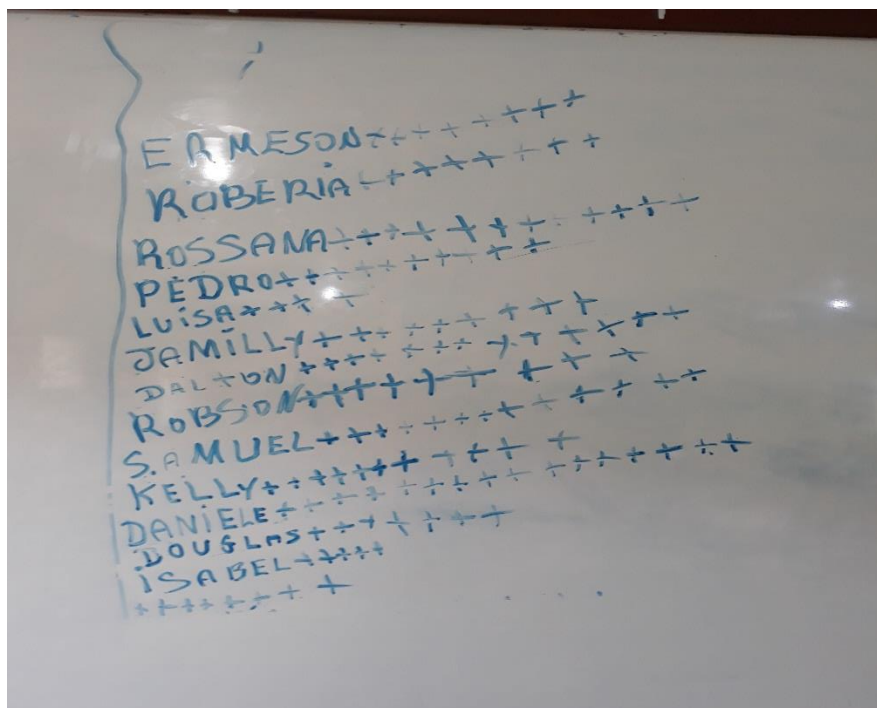
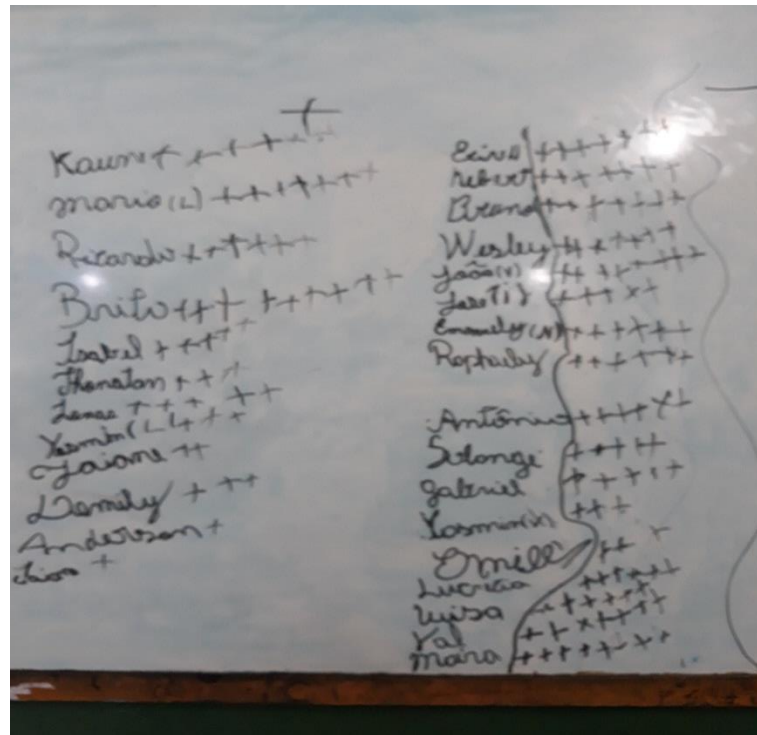
O mais interessante na aplicação dessa prática, foi observar que após o período de cerca de um mês e

meio até os alunos mais calados passaram a participar por observarem que durante as aulas seus colegas participavam, erravam, acertavam, liam de forma dificultosa e outros não e passaram a sentirem-se mais a vontade para também falar e interagir, sem medo de erros ou represálias, pois algo que faz parte desse processo é ajudar o aluno a chegar a autocorreção. O erro não é visto como defeito do aluno, mas como o caminho para se chegar ao adequado, de forma gradativa e paciente. O discente é levado a refletir de maneira coletiva e pode ser ajudado pelos colegas em suas dificuldades. Dessa maneira, o conhecimento não parte apenas do professor, é compartilhado entre a turma.

É importante frisar que nenhum aluno é forçado a participar, cada um é deixado a vontade para fazer isso quando sentir-se a vontade e, quando acontece, é de forma natural e espontânea, antes de resolver fazê-lo não é imposta nenhuma punição. O cotidiano da aula passa a ser a participação e isso acaba por motivar a todos que estão em sala. Abaixo há um exemplo do uso dos “maizinhos em uma turma de sexto ano de uma escola pública:



Como exposto na imagem acima, a participação nessa turma é muito grande e isso tem surtido muitos resultados positivos. Como todos querem ganhar esses “maizinhos”, passam a estudar mais, ler com frequência (em sala e em casa), tiram dúvidas, melhoram a interpretação e a leitura (da palavra e de mundo) além de conseguirem bons resultados em avaliações.



As imagens são de duas outras turmas, uma de sexto ano e outra de sétimo também de uma escola pública. A prática já foi feita em escola particular mas a imagem não foi conseguida. Como foi possível perceber a quantidade de participação em ambas as turmas foi muito boa, quando isso ocorre é feito um rodízio para que todos tenham a oportunidade de expor seu ponto de vista ou participar das rodas de leitura e discussão.

Considerações finais

A busca por uma melhoria na qualidade do ensino que se tem hoje deve ser de todos os docentes, então é necessário que procurem aprimorar seus conhecimentos e buscarem práticas diferenciadas das suas e que tenham surtido efeitos positivos. Pensando nisso, este artigo procurou trazer uma proposta de ensino voltada para a interação entre professor/aluno e aluno/aluno, também frisou a importância da participação e do compartilhamento de saberes entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem pautado na reflexão.

Sabe-se não haver fórmulas mágicas para transformar o alunado que se tem hoje nas escolas, mas algumas estratégias facilitam o processo de aprendizagem, como a prática citada neste artigo. É importante ressaltar que pode ser adaptada para a realidade de cada turma e para a disciplina ministrada pelo professor.

Diante das dificuldades encontradas pelo alunado, em especial na disciplina de português, é preciso refletir que para se ter um bom resultado a ponto de ajudar o aluno a ser alfabetizado e letrado se começa pela base, os professores devem repassar para sua turma as competência e habilidades de cada série específica começando desde o ensino infantil.

Alguns docentes com pouca visão pedagógica deixem a desejar em sala de aula, mas é claro que não apenas é função do professor fazer acontecer o aprendizado, isso depende de todo um conjunto entre escola e família e até mesmo a própria comunidade, pois “os pais fazem mais diferença na vida escolar dos filhos quando passam a mensagem de que a educação importa” (revista época 15/10/2014 07h01).

O incentivo é capaz de modificar atitudes humanas de forma a melhorá-las, então em sala de aula isso também pode ser usado a favor do aprendizado desde as séries finais do fundamental I (3º, 4º e 5º ano) até o ensino médio. Portanto, o empenho do docente em buscar sempre aprimorar seus conhecimentos através de formação continuada e a parceria com a família dos alunos aparentam ser a resposta para se ter um ensino de qualidade.

Referências

BRUNER, J. (1966). Toward a Theory of Instruction. Cambridge. Harvard University Press

JORDÃO, Matheus Hoffman. **A Mudança de Comportamento das Gerações X,Y, Z e Alfa e suas Implicações**. São Carlos: 2016.

MOREIRA, M. A. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: E. P. U, 1999.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, uso e possibilidades**. Cadernos de pesquisa em administração, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996